



POR ELIZABETH DE CARVALHAES

PRESIDENTE EXECUTIVA DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ÁRVORES (IBÁ) E PRESIDENTE DO INTERNATIONAL COUNCIL OF FOREST AND PAPER ASSOCIATIONS (ICFPA)  
 ✉: faleconosco@iba.org.br

## SUSTENTABILIDADE ABRIRÁ MAIS PORTAS NO EXTERIOR PARA TISSUE BRASILEIRO

No setor de árvores plantadas, a celulose encontra-se em lugar de destaque. Cerca de 70% de sua produção nacional é direcionada ao mercado externo, gerando receita de US\$ 7,7 bilhões. Esse resultado a coloca entre as cinco maiores *commodities* do País e um dos pilares da nova economia brasileira.

Grande parte da conquista do mercado externo resulta dos fortes investimentos em tecnologia e produção das indústrias do setor. Hoje, o Brasil possui reconhecidamente a melhor engenharia genética arbórea entre todas as nações, sendo líder em produtividade florestal, com aproximadamente 36 m<sup>3</sup>/ha por ano, valor 24% maior que a segunda colocada, a China, e 260% a mais que a dos Estados Unidos.

Isso faz com que a indústria florestal brasileira seja vista como uma das únicas com potencial para atender de forma eficiente à crescente demanda mundial. A capacidade das empresas nacionais em produzir mais com menos recursos e em menos tempo transforma o Brasil em referência quando o assunto é abastecer o mercado de forma rápida e com preços mais competitivos, o que também traz impactos positivos aos produtos derivados desta cadeia.

No segmento, ganha ênfase a celulose para a produção de papéis tipo tissue – lenço de papel, papel toalha, guardanapo, papel higiênico, fralda e absorvente. Esse fato justifica-se principalmente pelo crescimento das economias emergentes nos últimos anos, o que avançou a qualidade de vida da população desses países e gerou uma mudança definitiva no hábito de consumo, criando a necessidade por produtos de higiene.

Apenas a China – apontada por muitos como a economia do futuro – é responsável por 40% de toda a celulose brasileira exportada e, mesmo com as recentes instabilidades econômicas, mantém uma projeção de aumento de consumo – principalmente se considerarmos que, de acordo com dados da Pöyry apresentados no último Tissue World, realizado em São Paulo, o consumo de tissue nos Estados Unidos é de 25 kg/ano por habitante, enquanto no país asiático, com população quatro vezes maior, é de apenas 12 kg/ano para cada chinês.

Essa demanda pelo tissue brasileiro será motivada não apenas pela transformação dos hábitos e aumento da renda *per capita* nos países em desenvolvimento, mas, também, por questões ambientais, ponto que, inclusive, deve ser a principal mola propulsora do produto nas próximas décadas.

Em um planeta no qual os governantes dos países que mais emitem gases de efeito estufa (entre os quais a China) estão pressionados a rever seus processos industriais em busca de uma economia de baixo carbono, cresce a preferência por importar produtos de menor impacto ambiental. Nesse caso, a indústria de florestas plantadas brasileira, onde tem origem a celulose e os papéis tissue, também é considerada parâmetro mundial, com produtos que mais absorvem e estocam carbono. Trata-se de mais de 1,7 bilhão de toneladas de dióxido de carbono equivalente (CO<sub>2eq</sub>) retiradas da atmosfera, o que equivale a um ano inteiro das emissões brasileiras.

O setor ainda retém 2,48 bilhões de toneladas de CO<sub>2eq</sub> em 5,6 milhões de hectares de áreas naturais protegidas pelo setor por meio de Áreas de Preservação Permanente (APPs), Reserva Legal (RL) e Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPNs). Nesse cenário, o Brasil destaca-se ainda como o País em que o setor de árvores plantadas mais protege as áreas naturais. Para cada hectare plantado com árvores para fins industriais, outro 0,7 hectare é destinado à preservação de ecossistemas naturais. As florestas plantadas desempenham papel fundamental na preservação do ambiente, uma vez que evitam o desmatamento do *habitat* natural de diversas espécies, protegendo a biodiversidade, o solo e as nascentes de rios, além de recuperar áreas degradadas e serem fontes de energia renovável.

É certo que, mesmo com a decisão de Donald Trump de tirar os Estados Unidos do Acordo do Clima, o mundo precisará consumir produtos mais sustentáveis, que levem em suas particularidades características renováveis e recicláveis, amigáveis ao meio ambiente. Por isso, além de sua competência produtiva, o tissue brasileiro poderá liderar o mercado por outro grande diferencial: seu caráter 100% sustentável. ■